

VITTORIO CAPPELLI

# Continente *nostro*

*Das grandes capitais aos locais mais remotos, imigrantes italianos escreveram trajetórias marcantes em toda a América*

# N

UMA CÉLEBRE REPORTAGEM sobre as condições de vida dos camponeses das regiões italianas da Calábria e da Basilicata, os jornalistas perguntaram a um vaqueiro adolescente o que ele queria fazer no futuro. “Espero crescer para ir para a América”, respondeu. Uma verdadeira febre migratória se difundia por campos, aldeias e pequenas cidades do país. No início do século XX, o sonho de milhões de italianos era “fazer a América”.

Por ocasião de seu retorno para a cidade de Castellabate, na década de 1950, Constantino Ianni produziu um dos primeiros estudos sobre a imigração italiana no Brasil. Percebeu que ali, no profundo sul



da península, província de Salerno, de onde saíram seus pais (e também o futuro magnata Francesco Matarazzo), falava-se mais de locais americanos do que de Roma. “Jovens e velhos que nunca foram para Salerno ou para Nápoles conhecem tudo de ‘Broccolino’ (Brooklyn) em Nova York ou da Vila Mariana em São Paulo”, afirmou.

A América dos sonhos era quase sempre os Estados Unidos, e mais exatamente Nova York, com a sua *Little Italy*. Mais raras nesse imaginário eram a moderna São Paulo, que crescia vigorosamente, e a capital da Argentina. Mas a emigração em massa dos italianos não foi um fenômeno homogêneo nem concentrado somente nas metrópoles do novo continente, sobretudo no hemisfério Norte. Desenhou infinitas e tortuosas trajetórias, tocando todos os cantos das Américas.

Os pioneiros da emigração italiana, marinheiros genoveses e lígures, já no século XIX se encontravam em todas as cidades portuárias do Atlântico e do Pacífico, até nas menores e mais afastadas. Em 1902, uma investigação promovida pelo primeiro-ministro italiano Giuseppe Zanardelli concluiu que da região de Lagonegro, na Basilicata, “poucos são os que se dirigem à América do Norte, pois o

grande atrativo é a América do Sul”. Tratava-se de uma “emigração especialíssima”, parecida com a dos pré-Alpes lombardos ou vênets, ou do litoral da Ligúria, realizada principalmente por artesãos. Para eles, “a única América possível é a Latina”. E isso ficou claro com a pesquisa feita no sul da Itália: “em nenhum outro local, nem na Ligúria, onde tão abundante é o componente marítimo, encontrei um conhecimento tão geral e prático das condições materiais e políticas dos países sul-americanos”, escreveu o autor do levantamento.

Os destinos daqueles emigrantes não eram somente Buenos Aires e São Paulo, mas também regiões remotas, distantes dos grandes fluxos migra-

*É recente a redescoberta de Antonio Jannuzzi, imigrado calabrês que se tornou o maior construtor do Rio de Janeiro por pelo menos 50 anos*

tórios, do coração do desenvolvimento econômico e da modernização urbana. Dezenas de milhares de italianos que vieram para o Brasil escolheram diferentes caminhos: do Rio de Janeiro a Vitória, de Belo Horizonte às cidades do Nordeste ou da Amazônia.

Festa italiana em Nova Iorque. Se o destino principal dos imigrantes italianos eram os EUA, um número relevante deles se dirigiu para pequenas cidades e vilas na América Latina.

Ao lado, imigrantes chegando ao porto de Santos. Tanto no norte do continente americano como nos vários países de sua porção latina, o sonho da emigração italiana era o de “fazer a América”.

Embaixo, o Mercado São Braz, em Belém, em 1911. Projetado pelo arquiteto Filinto Santoro, representa uma das contribuições mais significativas da imigração italiana para a região Norte.



Outros, em vez da Argentina, preferiram os portos chilenos, peruanos ou equatorianos. Também optaram por Venezuela, Colômbia, os pequenos Estados centro-americanos, Cuba e Santo Domingo, ou seja, as “outras Américas” que, apesar de menos conhecidas e mais longínquas, ofereciam boas oportunidades: dos comércios das cidades portuárias à borracha amazônica, das obras do Canal de Panamá à construção de ferrovias e outras infraestruturas,

importância singular dessas cadeias migratórias “menores” aparece a partir da reconstrução de alguns percursos biográficos.

Muitos sabem que o arquiteto italiano Francesco Tamburini é o autor da Casa Rosada (sede de governo), do Teatro Colón e do palácio construído como sede da *Gran Logia* dos maçons argentinos, todos em Buenos Aires. No Brasil, bem conhecida é a história de sucesso de Francesco Matarazzo, ainda hoje celebrado em vários pontos de São Paulo. O papel dos Crespi e dos Siciliano também não foi esquecido.

Por outro lado, é recente a redescoberta, no Rio de Janeiro, de Antonio Jannuzzi, calabrês de Fuscaldò, que se tornou o maior construtor da cidade por pelo menos 50 anos, entre os séculos XIX e XX. Contribuiu para a modernização urbana, sobretudo com a abertura da Avenida Central (hoje Rio Branco), e tornou-se também protagonista da história social carioca ao enfatizar o problema das moradias populares e das casas dos trabalhadores, mesmo sem ser muito ouvido. Parte de uma imigração “menor”, a trajetória de Jannuzzi foi por longo tempo esquecida pela historiografia.

### *O velho Daconte foi tão importante na infância de García Marquez que teve seu sobrenome atribuído a personagens de vários romances e contos*

do artesanato das vilas centro-americanas ou antilhanas à produção bananeira na Colômbia e aos engenhos de açúcar em Pernambuco.

Mesmo quando não estavam em grande número, os imigrados formavam comunidades dinâmicas e bastante homogêneas em termos de regiões de origem, deixando suas marcas em casos e histórias que moldaram a sociedade local. A



A história dos movimentos migratórios não é feita somente de grandes nomes e números. As poucas comunidades italianas no Nordeste e na Amazônia correspondem a uma vivacidade econômica, social e cultural de grande importância. Nas periferias de Recife, Salvador e Fortaleza, por exemplo, os italianos têm participação significativa nos comércios, no artesanato, na pequena indústria e na cultura. Foram amplos os rastros deixados na arquitetura, nas artes visuais e na música pelos imigrados na Amazônia. Em Manaus, as companhias líricas italianas do Teatro Amazonas, a pintura de Domenico De Angelis, a música de Giotto e Claudio Santoro. Em Belém, a lírica do Teatro da Paz, decorado pelo mesmo De Angelis, a arquitetura de Filinto Santoro e a música de Ettore Bosio.

Houve trajetórias migratórias relevantes até mesmo em um dos destinos mais desconfiados e fechados à imigração de massa oriunda da Europa: a Colômbia. Fragmentado geograficamente e atormentado politicamente, o país teve italianos não só em Bogotá como nas cidades do litoral caribenho, de Cartagena a Barranquilla e Santa Marta. Na capital, o Teatro Colón e o Capitólio Nacional são criações do arquiteto florentino Pietro Cantini. Não apenas a primeira grande sala cinematográfica da cidade, como o próprio cinema colombiano são frutos da iniciativa dos irmãos Di Domenico, oriundos de Castelnuovo di Conza, uma aldeia montanhosa da Campânia. No litoral caribenho, mais aberto ao comércio internacional e às contaminações culturais, a comunidade italiana é a mais vivaz e numerosa.

Algumas centenas de imigrantes, vindos das regiões da Calábria, Basilicata e Campânia, se fixam na “zona bananeira” do Magdalena, onde opera a multinacional norte-americana United Fruit Company. Chegam atraídos pela nova oportunidade econômica e acabam se inserindo no comércio e em ateliês artesanais. No centro daquela região se encontra Aracataca, local de nascimento do escritor Gabriel García Márquez, onde mergulham as raízes autobiográficas da cidade imaginária de Macondo, do clássico *Cem Anos de Solidão* (1967). Para a praça principal de Aracataca/Macondo de sua infância, o futuro prêmio Nobel colombiano se dirigia frequentemente junto com seu avô, parando na grande loja-armazém ou no cinema ao ar livre de Don Antonio Daconte, um velho imigrante calabrês. Esta imagem ficaria gravada na memória do escritor, a ponto de inspirar o personagem italiano de *Cem Anos de Solidão*, que ele chamou de Pietro Crespi. O velho Daconte foi tão importante na infância do



escritor que é lembrado em sua recente autobiografia, e teve seu sobrenome atribuído a personagens de outros romances e contos, como *O Amor nos Tempos do Cólera* (1985) e “O Rastro de teu Sangue na Neve”, um dos *Doze Contos Peregrinos* (1992).

Os imigrantes foram o motivo inspirador inicial de outras obras do colombiano. *Crônica de uma morte anunciada* (1981) nasce da lembrança do homicídio, realmente acontecido, de Cayetano Gentile Chimento, filho de italianos. O velho protagonista de *Memória de Minhas Putas Tristes* (2004) é gerado no ventre de uma italiana “poliglota e garibaldina”, expoente fascinante de uma rica família de comerciantes que moram e trabalham na praça principal de Barranquilla.

Na remota e hostil Colômbia, portanto, os imigrantes perseguiram as oportunidades econômicas vislumbradas desde os cais de Sabanilla e de Puerto Colômbia, e acabaram por integrar os vértices mais altos da literatura hispano-americana do século XX.

Anônimos ou notórios, em trajetórias vistosas nas grandes capitais ou esquecidas em rincões distantes, os italianos “fizeram” várias Américas. **H**

**VITTORIO CAPPELLI** É PROFESSOR DA UNIVERSIDADE DA CALÁBRIA, AUTOR DE *A BELLE ÉPOQUE ITALIANA NO RIO DE JANEIRO* (NITERÓI, 2015) E ORGANIZADOR, COM ALEXANDRE HECKER, DE *ITALIANI IN BRASILE: ROTTE MIGRATORIE E PERCORSI CULTURALI* (SOVERIA MANNELLI, 2010).



### Saiba Mais

CARMO, Maria Izabel Mazini do. *Do Mediterrâneo à Baía de Guanabara. Os italianos no Rio de Janeiro (1870-1920)*. Curitiba: Editora Prismas, 2015.

DERENJI, Jussara da Silveira. *Arquitetura nortista. A presença italiana no início do século XX*. Manaus: SEC, 1998.

EMMI, Marília Ferreira. *Italianos na Amazônia (1870-1950)*. Belém: Naea, 2008.

Capa de um manual de 1886, preparado pelas autoridades da Província de São Paulo e dirigido aos italianos que desejassem embarcar para o Brasil em busca de terra e trabalho.